



OBSERVADOR RURAL
Nº 109
Abril DE 2021

**CARACTERIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS
MACHABABOS A PARTIR DOS DISCURSOS DE
MULHERES RAPTADAS**

João Feijó

O documento de trabalho (*Working Paper*) *OBSERVADOR RURAL* (OMR) é uma publicação do Observatório do Meio Rural. É uma publicação não periódica de distribuição institucional e individual. Também pode aceder-se ao *OBSERVADOR RURAL* no *site* do OMR (www.omrmz.org).

Os objectivos do *OBSERVADOR RURAL* são:

- Reflectir e promover a troca de opiniões sobre temas da actualidade moçambicana e assuntos internacionais.
- Dar a conhecer à sociedade os resultados dos debates, de pesquisas e reflexões sobre temas relevantes do sector agrário e do meio rural.

O *OBSERVADOR RURAL* é um espaço de publicação destinado principalmente aos investigadores e técnicos que pesquisam, trabalham ou que tenham algum interesse pela área objecto do OMR. Podem ainda propor trabalhos para publicação outros cidadãos nacionais ou estrangeiros.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores.

Os textos publicados no *OBSERVADOR RURAL* estão em forma de *draft*. Os autores agradecem contribuições para aprofundamento e correcções, para a melhoria do documento.

RESUMO

A intensificação do conflito militar no Norte de Cabo Delgado despertou a atenção de jornalistas, investigadores, analistas de segurança e diplomatas. O facto de os rebeldes armados não darem entrevistas a jornalistas e investigadores resulta num grande desconhecimento sobre as suas dinâmicas internas nas zonas ocupadas, pelo que o mundo dos insurgentes constitui um território repleto de mistérios. Por outro lado, o rapto de centenas de jovens mulheres gera interrogações em torno do respectivo paradeiro, originando inquietação social. O pouco conhecimento existente acerca das formas de organização interna dos insurgentes resulta de testemunhos oculares de quem privou com o grupo, nomeadamente desertores ou mulheres que estiveram em cativeiro.

A partir de 23 entrevistas a mulheres vítimas de agressão ou sequestro por grupos insurgentes foi possível concluir que os membros do grupo têm origens e percursos sociogeográficos heterogéneos, sendo a maioria oriunda do litoral Norte de Cabo Delgado, com registos de indivíduos provenientes do planalto de Mueda, do litoral de Nampula, assim como um crescente número de estrangeiros, provenientes da costa oriental africana e de países árabes. Os insurgentes dispõem de diferentes bases, instaladas em aldeias abandonadas por civis ou nas matas.

O grupo insurgiu-se contra o Estado, mas também, contra as suas estruturas tradicionais. Apesar de se manterem ligações, em muitos casos, com os grupos domésticos de origem (através do fornecimento de logística, camuflagem e informações), geralmente assistiu-se a uma ruptura, reconstituindo-se nas matas novas relações familiares, por vezes poligâmicas. As mulheres e jovens adolescentes raptados são acantonados em bases intermédias, localizadas em aldeias abandonadas. Ao longo de vários dias, as mulheres são sujeitas a acções de doutrinação político-religiosa, durante as quais são exploradas temáticas de exclusão e de injustiça social, numa tentativa de capitalização política de ressentimentos individuais. A promessa messiânica de ordem social, conjugada com a distribuição de benefícios concretos – alimentação, vestuário e protecção – têm um efeito sedutor sobre populações vulneráveis, sobretudo num cenário de violência, de grande precariedade social e de insegurança alimentar. As mulheres raptadas há mais tempo apresentavam-se resignadas, procurando retirar vantagens da nova situação.

No grupo, os indivíduos distribuem-se por diferentes funções, que vão de actividades de ataque e de defesa, de reconhecimento, filmagens e telecomunicações, mecânica e enfermagem ou logística. Ainda que às mulheres caiba, sobretudo, a função de esposas, não deixam de ser perceptíveis tarefas de observação e espionagem, recrutamento e carregamento de mercadorias. Ainda que em número residual, foram identificadas mulheres manuseando armas em acções de ataque, inclusive em posições de comando. O grupo demonstra desinteresse pela agricultura e pela produção alimentar, confiando no saque às populações e lojas comerciais, não deixando de existir suspeitas de abastecimento externo através da Tanzânia.

Ao longo do ano de 2020 o grupo demonstrou capacidade de recrutamento e de alargamento do efectivo humano, poder bélico e capacidade logística, rede de observadores e capacidade de acesso à informação, apostando na camuflagem e ataques de surpresa. O enorme poder bélico detido levanta suspeitas de abastecimento externo. Contrariamente às forças de defesa e segurança, que deram demonstrações de desorganização, indisciplina e desmotivação, o grupo de insurgentes revelou uma elevada moral e convicção de ataque. Porém, o crescimento do grupo fez também crescer a respectiva diversidade, quer em termos de convicção religiosa, quer de nível de violência e de motivação. Esta heterogeneidade e rivalidades por protagonismo são geradoras de tensões e divisões conflituais, mas também por sucessivas vagas de deserções, em função dos benefícios materiais existentes.

CARACTERIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS MACHABABOS A PARTIR DOS DISCURSOS DE MULHERES RAPTADAS

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, um grupo de indivíduos radicais foi-se organizando em forma de seitas no Nordeste de Cabo Delgado, assumindo o grupo dimensões violentas a partir de Outubro de 2017, com o ataque às instalações da polícia de Mocímboa da Praia. O conflito alastrou-se, nos anos seguintes, por 8 distritos da província, traduzindo-se inclusivamente no ataque e ocupação de várias sedes distritais. O grupo ficou localmente conhecido por *Al-Shabaabs*¹ e tornou-se famoso pelo fundamentalismo do seu discurso (ainda que vago), pela extrema violência das suas acções, mas também pela sua capacidade de camuflagem (nas matas de Cabo Delgado e no seio das populações), e eficácia dos seus ataques. Contudo, o facto de os machababos não darem entrevistas a jornalistas e investigadores resulta num grande desconhecimento sobre as dinâmicas internas nas zonas ocupadas. O mundo dos insurgentes constitui um território repleto de mistérios. O conhecimento que vem a público acerca da forma de organização dos machababos resulta de testemunhos oculares de quem privou com este grupo, nomeadamente indivíduos desertores ou mulheres que estiveram em cativeiro. Com efeito, a realização de centenas de raptos de mulheres e a capacidade de muitas terem conseguido escapar ao cativeiro, resultou num manancial de informação disponível acerca das formas de organização deste grupo, que não tem sido devidamente analisada.

Neste sentido, ao longo do segundo semestre de 2020 foram entrevistadas 23 de mulheres, que em algum momento foram vítimas de agressão ou que estiveram sequestradas por grupos insurgentes. As mulheres entrevistadas eram residentes nos distritos de Mocímboa da Praia (9), Quissanga (7) e Macomia (4) e Ibo (3), tendo todas se deslocado para Pemba (e, num caso, para Maputo), onde foram entrevistadas. A maioria das mulheres eram casadas (12), registando-se também solteiras (10) e viúvas (1). Em termos de faixa etária, a população entrevistada tinha idades compreendidas entre 15 e 20 anos (3); entre 21 e 30 anos (7); entre 31 e 40 anos (6); ou mais de 41 anos (7). A maioria era analfabeta (10), registando-se mulheres com a 4^o classe (5), com a 9^o classe (4) e com a 12^o classe ou nível superior (4). Os relatos foram realizados na língua materna das entrevistadas, nomeadamente em (19), maconde (2), macua (1) e em português (1).

As entrevistas foram conduzidas por voluntários da assistência humanitária. Essa condição com que se apresentaram, fornecendo água, alimentação, apoio psicológico e outra ajuda de primeira necessidade, reforçou a segurança das mulheres vítimas de violência para partilhar as experiências em cativeiro. Com o apoio de um guião semi-estruturado de questões, as entrevistadas foram convidadas a partilhar as suas experiências pessoais, descrevendo as agressões a que foram sujeitas, a experiência em cativeiro, assim como as dinâmicas e formas de organização do grupo de insurgentes, no contexto em que interagiram. Em alguns casos, o trauma emocional das entrevistadas, resultante da experiência recente, dificultou a condução da entrevista (interrompida com prantos), inviabilizando a realização de algumas questões.

¹ Significando literalmente “jovens”, este grupo não deve ser confundido com a organização terrorista que se tornou célebre na Somália, Etiópia e Quênia, ainda que a recorrência a esta designação revele alguma familiaridade da população do Norte de Cabo Delgado com esse movimento.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das vítimas e posteriormente traduzidas, transcritas para Word e verificada a credibilidade da tradução. Por uma questão de protecção de todos os interlocutores, a identidade de todas as entrevistadas é ocultada ao longo do texto². Os testemunhos das mulheres foram confrontados com relatos jornalísticos e outros relatórios académicos, com o objectivo de confirmar, mas também de complementar a informação recolhida.

Tendo permanecido em cativeiro, em alguns casos durante várias semanas, as mulheres entrevistadas constituíram testemunhas oculares, com informações sobre as respectivas vivências e formas de organização. A interacção das mulheres com o grupo de insurgentes decorreu ao longo do segundo semestre de 2020, num cenário de claro ascendente militar sobre as forças armadas de defesa de Moçambique, com ataques violentos a várias sedes distritais e acesso a logística e equipamento militar. Através da análise dos seus relatos, este texto permite recuperar o discurso de mulheres vítimas de violência, conferindo uma voz a quem detém um reduzido espaço para esse efeito.

Os comentadores, jornalistas, investigadores e membros do governo vêm utilizando diferentes termos para designar o grupo armado que opera em Cabo Delgado: "*Al-shabaabs*", "*insurgentes*", "*rebeldes*", "*terroristas*", "*Daesh*" ou "*Estado Islâmico*", entre outros. Ao longo desta análise optou-se pela utilização do termo de "*machababos*" (por ser a designação local utilizada pelas populações no terreno), mas também de "*insurgentes*" ou de "*rebeldes*".

1. CARACTERIZAÇÃO DOS INSURGENTES ARMADOS

O processo de interacção das mulheres entrevistadas com o grupo de insurgentes armados permitiu-lhes a realização de um conjunto de observações acerca das origens sociogeográficas dos rebeldes, formas de recrutamento, mas também acerca da sua organização interna, ao nível de distribuição de funções e divisão sexual de tarefas, reconstituição de grupos familiares, mas também sobre níveis de coesão e conflitualidade.

1.1 Origens e percursos sociogeográficos

Numa situação de cativeiro, o sentimento de receio das mulheres e a necessidade de camuflagem do grupo rebelde não facilitaram o processo de identificação dos rebeldes. O temor manifestado pelas vítimas durante o processo de cativeiro, frequentemente em pranto, em posturas retraídas e cabisbaixas, desencorajaram a observação do meio em redor. O reconhecimento e revelação, em público, da identidade de um insurgente (como estratégia de clemência) constitui uma opção arriscada, que pode ter como reacção imediata a sua execução, seguida do aviso geral: "*aqui ninguém conhece ninguém*" (Pinnacle News, 07.09.2020 cf. Moçambique para todos, 07.09.2020).

Durante os ataques, nos períodos de concentração e captura de civis ou no regresso às bases, grande parte dos jovens rebeldes circula de cara tapada impedindo o reconhecimento por terceiros. Apesar de escutarem os nomes dos insurgentes, enquanto se relacionavam entre si, algumas entrevistadas desconfiaram da respectiva autenticidade:

² Na maioria das situações, as mulheres que escaparam à situação de cativeiro não permaneceram muito tempo na cidade de Pemba. De acordo com os entrevistadores, o trauma experimentado durante esse período, o receio de descoberta do seu paradeiro por parte de grupos insurgentes, ou de suspeitas das FDS de colaboração com os mesmos, levou estas mulheres a deslocarem-se por locais mais afastados do conflito.

- "A maioria dos nomes lá não eram nomes verdadeiros. Aqui me chamam de... Porque fora são outros nomes. Alguns diziam os nomes, mas eu sempre tive impressão que os nomes não eram aqueles" (entrevista 21).

A preocupação em esconder a identidade e o facto de muitos jovens insurgentes se expressarem nas línguas locais do Norte do país, sustenta a convicção de grande parte serem indivíduos oriundos da região. Não obstante se verificarem tentativas de disfarce, as vítimas reconheceram alguns dos jovens rebeldes, entre antigos vendedores de capulana, naturais de Mocímboa da Praia, vizinhos de Macomia ou cadastrados de Quissanga:

- "Eram homens, até um deles a tia o conhece. É mesmo de Macomia. Um dos rapazes bandidos é filho de Macomia" (entrevista 6);

- "Quando alguém fala Kimuani, se percebe que é local ou de fora. Estes eram pessoas locais, os muanis de Mocímboa" (entrevista 10);

- "Em Pangane [...] conseguia reconhecer a identidade de cada al-shabaab; por exemplo, este é de Natutupo, este é de Naunte [...] eram filhos de casa, falavam kimuani, todos falavam kimuani" (entrevista 19);

- "Eu encontrei uma pessoa, ele era um vendedor de capulana que eu conhecia" (entrevista 21).

Se é verdade que o muani e o suaíli constituem as línguas mais utilizadas pelos insurgentes, revelando a preponderância do recrutamento local, as testemunhas oculares revelam ter escutado muitas outras línguas pelo grupo de rebeldes, quer oriundas da província de Cabo Delgado (sobretudo o maconde e o macua), quer de mais a Sul do país, particularmente de Nampula, comprovando a existência de alargadas zonas geográficas de recrutamento. De acordo com os relatos, entre os insurgentes falam-se diversas variantes de macua da província de Nampula, inclusive o "parapato de Angoche"³ (entrevista 2), o "macua nacalense" ou o "nahara"⁴ (entrevista 4). Com muito menor referência surgem línguas do Sul, tendo sido referido o changana (entrevista 4). De qualquer das formas, um dos chefes de um grupo de rebeldes em Mocímboa da Praia era originário do centro do país, alegadamente desertor das Forças Armadas de Moçambique (entrevista 21). Entre as línguas nacionais, o português constitui uma língua pouco utilizada pelos insurgentes, pelo menos na interacção com as populações em cativeiro, subentendendo-se que grande parte dos insurgentes são largamente recrutados em zonas rurais ou periurbanas.

Os relatos revelam a presença de estrangeiros oriundos da costa oriental africana, sobretudo da Tanzânia, com referência a somalianos, e indivíduos presumivelmente oriundos de países árabes, estruturando-se diferentes grupos, com margem de actuação relativamente autónoma e independente:

- "(...) os que fazem a guerra não são esses de Mocímboa. Vê-se que são hospedes. Não são locais. Muitos acusam-nos que são nossos filhos, mas eu pergunto, quem que nasceu árabes entre nós? Nos acusam gratuitamente. Eles não são de Mocímboa. Eles fazem fugir as FDS e matam pessoas indiscriminadamente. São bem treinados. Quem é o local que iria aguentar uma guerra destas?" (entrevista 9);

³ Parapato constitui o nome de um monte de Angoche, tendo sido utilizado pela entrevistada para designar a variante de macua falada nesta região da província de Nampula, localmente designada de Koti.

⁴ Nahara constitui uma variante de macua associada aos distritos de Mossuril e da Ilha de Moçambique.

- "Mas eles diziam que, entre os chefes, tinha muitos estrangeiros também. Eles falavam de um acampamento que era quase um Shangri-la⁵. Eles diziam que 'lá naquele acampamento onde tem os brancos, nós temos todo o suporte' (...). Nós fomos entrevistadas por duas pessoas que nós não vimos o rosto (...). Eu acho que ele devia ser branco. Uma máscara que só deixa os olhos de fora. (...) Só falava em inglês. Não falava português e não falava suaíli" (entrevista 21);

- "Eu vi uma pessoa que parecia de uma outra nacionalidade, mas não chegou bem perto de nós. Eram três rapazes que tinham a pele não negra. Estilo dos indianos. Tinham o rosto um pouco mais afunilado. O nariz também era mais afunilado. E o cabelo era liso com cachas" (entrevista 21);

- "Uma outra pessoa se encontrou com um grupo de somalis que dizia que não era do grupo do Estado Islâmico. Um outro grupo extremista. Eu acho que existem grupos totalmente independentes de extremistas em Moçambique. Pela característica dos ataques e pelo que eles falavam, esses grupos (...) agem de forma independente" (entrevista 21).

Foi referida a existência de relações dos insurgentes com outros países da região, particularmente onde o Suaíli é usado como língua franca (Tanzânia, Quênia, Somália ou Congo), com troca de informações e experiências de doutrinação. Alguns dos líderes que operam em Mocímboa da Praia acumulam experiência de guerrilha em países da região (nomeadamente na Tanzânia), onde não tiveram sucesso, desviando as suas operações para a Moçambique:

- "Esse rapaz era de Mocímboa da Praia. Numa outra vez que eu falei com ele, contou que passou 10 anos fora de Moçambique sendo preparado para ser chefe (...) Ele foi para o Congo. Ele foi para a Arábia. Ele foi pelo menos para 3 ou 4 países. Fala árabe fluentemente, inglês, português que estava falando, suaíli e as línguas locais. Ele era extremamente inteligente e bem preparado, tanto intelectualmente como militarmente. A maioria daqueles jovens não conhecia o alcorão. Mas ele conhecia o alcorão também. Foi preparado para conhecer o alcorão" (entrevista 21);

- "Aqueles que saíram foram preparados para ser chefes. Parece que houve o nascimento desse grupo em Tanzânia. Um deles me contou isso. Em Tanzânia havia uma célula do grupo. E o presidente da época então atacou o acampamento do grupo deles. Mas sobreviveram muitos. Boa parte deles veio para Moçambique para preparar os moçambicanos. Todos tinham experiência de guerrilha" (entrevista 21);

- "O grupo que estava connosco diziam que eram do Estado Islâmico, principalmente os tanzanianos. Diziam mesmo assim. Até colocaram numa casa lá, em inglês, que Estado Islâmico era bom e os jovens, um tanzaniano que estava em Mocímboa há 3 anos, ele contou que encontrou o Estado Islâmico através de um grupo numa rede social. E ele se ofereceu. E começou a ser preparado em outros países e, quando estava preparado, foi Moçambique" (entrevista 21).

De acordo com os relatos, a grande maioria dos rebeldes é bastante jovem, incluindo inúmeros adolescentes. Os cargos de liderança tendem a ser ocupados por indivíduos relativamente mais velhos e experientes. As entrevistadas referiram dezenas de pré-adolescentes raptados, a quem é fornecido treino militar e doutrinação:

⁵ *Shangri-La* constitui uma criação literária de James Hilton, no seu célebre romance *Horizonte Perdido*, localizado nas montanhas dos Himalaias, representando um lugar mítico de difícil acesso e caracterizado pela convivência harmoniosa de indivíduos das mais diversas proveniências.

- *"Não consegui contar porque eu estava medrosa [mas] eram muitos. [Em termos de faixa etária] eram como você e como aquele rapaz que passou aqui [aponta para um jovem de 25 anos]. (entrevista 6);*

- *"olha são crianças como esse [aponta para um adolescente], não há adulto. Só tem um comandante deles como você" (entrevista 20);*

- *"Vimos um treinamento um pouco mais avançado com adolescentes, entre os 12 e 14 anos. (...) Eles estavam treinando uma espécie de luta com meninos. Estavam treinando o uso de catana. Os primeiros que foram capturados em 2017 já estão sendo preparados para serem usados como um grupo de meninos soldados" (entrevista 21);*

- *"Nós vimos um menino de 14 anos indo para a primeira missão dele. Nós vimos ele, todo contente, contando para os soldados como ele havia matado as pessoas. Ele havia matado com um tiro e depois havia degolado." (entrevista 21).*

1.1 Organização interna dos grupos rebeldes

a) . As diferentes bases militares

A organização das bases dos machababos é bastante variável em função da localização militar, tendo sido possível distinguir, pelo menos, três tipos de acampamentos. Um primeiro tipo de acampamento é em torno das zonas de ocupação avançada (por exemplo, em torno da área do município de Mocimboa da Praia), com o propósito de defesa e patrulha militar (incluindo captura de indivíduos escondidos), formam-se vários acantonamentos, cada um dos quais com *"cerca de 100 jovens armados"* (entrevista 21). Os rebeldes ocupam casas abandonadas, usando-as para pernoitar, ter acesso a água e saneamento, e cozinhar. Um segundo tipo é, a cerca de 30 a 40 km dos locais atacados, a formação de acampamentos de cariz temporário, geralmente em aldeias abandonadas pelas populações, onde são provisoriamente acantonadas mulheres e crianças raptadas, sob vigilância de dezenas de militares. As reféns permanecem nestes locais entre uma a duas semanas, onde são sujeitas a sessões de doutrinação, com o objectivo de redução do medo e ansiedade. De carácter mais permanente e presumivelmente localizados nas matas densas do posto administrativo de Mbau ou no distrito de Macomia, um terceiro tipo de acampamento, designado pelos próprios insurgentes como *"casa"*, é onde está o centro de comando do grupo, assim como as respectivas famílias:

- *"O nosso acampamento era um acampamento de passagem. Não tinha famílias ali. Tinha as pessoas capturadas e muitos soldados. Ali passavam os soldados que iam e vinham (...) Aí, eles levavam para um outro acampamento, a que eles chamavam de 'casa'. Havia, assim, dois acampamentos naquela área de Naquitengue [aldeia localizada a cerca de 30 km a Sul de Mocimboa da Praia], mas, não ali perto, que eles chamavam de 'casa', que seria o acampamento permanente. Dentro da mata. Devia ser uma mata fechada. Algumas dessas pessoas já estavam sendo transferidas para esses acampamentos" (entrevista 21).*

b). Ruptura e reconstituição do grupo familiar

Em termos de relacionamento com o grupo doméstico de origem, ainda que se constatem situações de envolvimento, em termos de recrutamento, de fornecimento de logística e de informações, de cobertura e protecção, grande parte dos jovens entrou em ruptura com a família de origem, tendo reconstituído novas relações familiares no grupo de insurgentes, por vezes poligâmicas:

- *"Foi ele que me contou que os pais dele o incentivaram a entrar no grupo. Foi o único que me contou que o tio dele pertencia ao grupo e o pai e a mãe concordavam com isso. E ele era moçambicano. Era de Palma"* (entrevista 21);

- *"A maioria constitui uma nova família. Um rapaz que estava lá, que era de Mocímboa, ele disse assim: 'a minha família fugiu. A mulher e os meus filhos eu não sei onde eles estão. Os meus pais não concordam com isso. Eu não sei onde eles estão. Mas, se eles forem capturados'... Aí ele disse assim: 'se eles não aceitarem, eles vão ter que morrer'"* (entrevista 21);

- *"Um soldado [machababo] tinha 4 mulheres e filhos. Daquilo que foi roubado, eles dividiam e levavam para a família"* (entrevista 21).

c). Recrutamento e integração das mulheres no grupo armado

Um fenómeno muito frequente nos ataques, que se encontra largamente reportado nas entrevistas, conversas informais e comunicação social, relaciona-se com o rapto de jovens mulheres e de adolescentes do sexo masculino. O ataque de Março de 2020 ao município de Mocímboa da Praia é descrito como um dos momentos de maior captura de crianças e meninas, existindo relatos de largas dezenas transportados em carrinhas de caixa aberta. As evidências permitem estimar que, ao longo do conflito, tenham sido sequestradas largas centenas de jovens raparigas:

- *"Eles levaram muitas mulheres de todas etnias, são incontáveis. (...) Podem encontrar uma criança, eles levam para irem-lhe ensinar na madrassa"* (entrevista 9)

- *"Desta quarta ou quinta vez foram capturadas muitas mulheres, crianças e homens pelos bandos (...) Há quem perdeu três a quatro filhos. Eles passavam de casa em casa e capturavam as meninas e levavam"* (entrevista 12).

"Muitas raptadas são muanis; muitas crianças não se sabe o paradeiro. Os filhos da casa e outras foram raptadas. Minhas cinco primas foram sequestradas" (entrevista 16);

- *"Em Quirimba raptaram 37 menores; até hoje voltaram apenas 5 crianças, que conseguiram fugir; três rapazes e duas meninas. Os outros, até hoje, ainda não regressaram"* (entrevista 17);

- *"O que eu assisti é que, quando eles vêm, não perdoam, capturam menores rapazes e raparigas."* (entrevista 18)

O processo de captura das mulheres não está relacionado com a pertença a qualquer grupo étnico ou religioso, sendo estreitamente assente na idade e na atracção sexual. As mais jovens e atraentes são particularmente escolhidas. De acordo com os relatos das entrevistadas, as jovens mais claras (vulgo *Lulu*) são as mais pretendidas. Os códigos utilizados na selecção das mulheres assentam em conceitos alimentares, distinguindo-se as que se designam de *macarrão*, as mais pretendidas, das *ntama* (mapira), as menos pretendidas, traduzindo uma representação da mulher como objecto sexual para consumo e satisfação masculina. O macarrão representa a alimentação

mais desejada (mais tenro, associado ao consumo urbano e a um maior poder de compra, portanto largamente preferido entre os jovens), por oposição à mapira, um alimento de segundo recurso nos períodos de estiagem, mais insípido e menos animador para o paladar:

- "*As raparigas adolescentes são as vítimas mais predilectas; vale a penas os outros segmentos etários [que] são poupados. As raparigas e donzelas são as vítimas mais procuradas, eles denominam-nas de macarrão; por isso, se ficarem por perto, são capturadas*" (entrevista 3);

- "*Essas raparigas não são seleccionadas, não há escolha de macondes ou outra qualquer. Toda rapariga encontrada, é macarrão, é viagem imediata, enquanto as velhas são chamadas de ntama. E, por ser velha, deixam-te, mas a donzela, sendo macarrão, deve ser levada na viagem*" (entrevista 3);

- "*Eles não escolhem, tanto muani, maconde, suaíli raptam, basta ser rapariga bonita e clara. As ditas Lulu. Mesmo grávida te levam para ir dar parto lá mesmo. Muito mais as jovens raparigas. Levam sem discriminação*" (entrevista 8).

- "*Em geral, desde que sejam donzela com maminhas, mulheres como eu, até 30 anos, raptam. Basta gostarem, menos as grávidas ou velha podem deixar*" (entrevista 15);

- "*Eles não escolhem. Levam todo o tipo de mulheres, principalmente a idade de raparigas. Eles levam-nas para serem suas esposas. Chamam de macarrão*" (entrevista 18).

As mulheres menos vulneráveis ao rapto são as mais idosas e as que apresentam deficiências ou ferimentos, portanto sexualmente menos atraentes ou um fardo em termos de assistência:

- "*Éramos muitas mulheres raptadas (...) Na caminhada iam libertando as velhas, dizendo-lhes 'voltem enquanto é cedo'*" (entrevista 2);

- "*No meu caso, alegaram que não oiço bem. Eu nem percebia o que eles me falavam. As minha colegas de rapto é que informaram a eles que eu era surda. Logo eles me libertaram*" (entrevista 2);

- "*Revistaram-me e viram que me balearam no braço e no peito. 'Por ser uma baleada, deixem-na. É doente. Senão vai nos dar maçada pelo caminho, por isso a deixem. Ela vai morrer pela mata fora, podem a deixar'. Ordenou um deles. Dali me abandonaram*" (entrevista 6).

Mulheres sequestradas no município de Mocimboa da Praia foram conduzidas para acampamentos temporários, localizados a cerca de 30 ou 40 km a Sul do município, geralmente em aldeias abandonadas, transportadas às dezenas em carrinhas de caixa aberta. Já no distrito de Quissanga foram levadas para Norte, por via pedestre. O processo de deslocação pedestre obedece a rígidas regras de segurança:

- "*Eles [machababos] ficam longe e bem afastados do povo. Mesmo nós, capturadas, seguimos em fila indiana, subdivida em pequenos intervalos, que é intercalado de vigilantes deles no meio da fila. Também caminha-se em categorias ou classes de idade. Os velhos seguem atrás da fila com o respectivo vigilante. No meio, também há um vigilante com o seu grupo, assim como no início da fila. Cada capturado que carrega a bagagem é vigiado de forma mais cerrada, tanto atrás como à frente*" (entrevista 2);

- " *não chegámos na base deles. Eles te põem numa árvore e amarram pano e dizem 'fica aqui'. Vão na base e voltam. E quando querem-te fazer chegar lá, amarram-te na cara e levam-te para lá; e, para sair, fazem mesma coisa. Assim, torna difícil conhecer caminhos de lá na base"* (entrevista 20).

Mulheres raptadas em Mocímboa da Praia foram hospedadas em aldeias abandonadas, cerca de 30 km mais a Sul, em casas pertencentes a famílias deslocadas, geralmente em grupos de 40 a 60 por casa (de duas ou três assoalhadas), utilizando as camas, esteiras e equipamento mobiliário existente e tendo várias refeições por dia (confeccionadas pelas próprias). As mulheres permaneceram nestes locais cerca de semanas, antes de seguirem para os locais definitivos. Este período transitório tem várias funções.

Em primeiro lugar, tem um objectivo de doutrinação político-religiosa, reduzindo a ansiedade e o receio das mulheres, conquistando a respectiva confiança e promovendo a integração no grupo. Durante este período realizam-se sessões de debate político-religioso, onde jovens, com um conhecimento mais aprofundado do Alcorão e capacidade de articulação de ideias, exploraram a temática da exclusão e da injustiça social, numa clara tentativa de capitalização política de experiências pessoais negativas e ressentimentos individuais. A partir de mensagens do Alcorão, promovem-se mensagem de justiça, igualdade e ordem social, num tom relativamente apelativo para algumas mulheres:

- " *No dia em que nós chegámos, eles fizeram uma leitura do Corão, trouxeram toda a problemática de injustiça no país, de abuso social, de corrupção. Perguntavam se elas conheciam a situação e se tinham passado por violência policial, se tiveram que passar por uma situação de corrupção. Algumas se sentiam incentivadas e falavam e diziam que tinham passado por situações parecidas com essa. E, eles terminavam, que com o novo governo deles, iam acabar com a injustiça. Que todas as pessoas iam ser respeitadas. Não haveria mais roubo, corrupção no governo. Uma das coisas que eles mais diziam era que a democracia era demoníaca, porque em Moçambique ela permitia que os políticos roubassem e que o povo continuasse a passar fome e a morrer sem nenhum tipo de cuidado. E faziam uma doutrinação para com aquelas mulheres para que elas acabassem aceitando a proposta deles. Em sete dias eles fizeram esse encontro duas vezes. (...) Homens que, pelos vistos, conheciam muito bem o alcorão. Dois homens diferentes. Ambos tanzanianos"* (entrevista 21);

- " *A maioria ficava calada, ouvindo. Mas isso acontecia duas vezes por semana (...) Uma 3 ou 4 [intervinham], não chegava a 5. Mas, à medida que vai ouvindo, elas vão identificando..."* (entrevista 21).

Não obstante toda a agressividade desencadeada pelo grupo de insurgentes nos seus ataques, durante a doutrinação constrói-se um discurso segundo o qual o grande agressor é o Estado moçambicano, apresentando-se o grupo radical como a protecção contra as injustiças sociais. A promessa messiânica de uma ordem social, conjugada com a distribuição de benefícios concretos – alimentação, vestuário e protecção – são particularmente sedutoras para as populações vulneráveis, sobretudo num cenário de violência, de grande precariedade social e de insegurança alimentar, como aquele que é vivido na região:

- " *Alguma nos disse que não adiantava chorar. Porque, lá, eles tinham comida e segurança e ela estava escondida no mato, há tanto tempo, que ali estava melhor que no mato"* (entrevista 21);

- " *Os garotos que foram capturados connosco ainda eram tratados de forma diferente. Ganhavam laranja. Os insurgentes eram gentis com eles. Os meninos que tinham mães na casa onde nós estávamos, eles chegaram dizendo que tinham ganho camisetas dos insurgentes. Tinham*

roubado de algum lugar e estavam dando para eles. Eles estavam começando a achar que era bom ficar naquele acampamento. Essa parte que as pessoas se sentissem à vontade com eles. Com as meninas e as mulheres era assim. E com os meninos também. Eles chegaram contentes mostrando para a mãe o que haviam ganhado" (entrevista 21).

Os testemunhos de mulheres raptadas há mais tempo traduzem uma situação de resignação à situação de cativo, procurando retirar vantagens da nova situação:

- *"ela começou a contar e a desabafar e ela disse assim: Depois de algum tempo, todas as mulheres começam a achar que aquilo é verdadeiro. E todas querem voltar para casa'. A forma que elas vêem de voltar para casa é ajudar o grupo. Uma senhora disse assim: 'depois de uma semana você se acostuma. Você chora, você fica sem comer por um tempo. Mas depois você descobre que não tem jeito'. Elas começam a se conformar com a realidade e começam a mudar de lado. E, algumas bem jovens, esposas dessas pessoas, elas começam a achar que aquilo é verdadeiro. Então elas se inserem de novo. Isso foi o que elas deram a entender o que acontecia"* (entrevista 21)

Em segundo lugar, estes encontros têm como objectivo preparar as mulheres para aquilo que é o seu papel no grupo de destino, à luz do entendimento feito do Islão. Trata-se do papel de esposas e de mães educadoras, responsáveis pela inculcação daquilo que designam de princípios correctos do Islão:

- *"[Eles faziam] uma preparação da jovem para se tornar uma verdadeira islâmica, para se tornar numa boa mãe islâmica. Porque eles acreditavam que a mulher é que educa a família para seguir o Islão de forma correcta"* (entrevista 21).

No final deste período transitório, as mulheres são divididas em três grupos, em função do destino que lhes é apresentado:

"Para as meninas e mulheres, elas tinham três opções: ser escolhida por um dos soldados para ser futura esposa; ou ser escolhida por algum dos homens, não para o casamento, mas para seguir as normas mais radicais do islão. Era uma palavra que eu esqueci. Que é uma preparação da jovem para se tornar uma verdadeira islâmica, para se tornar numa boa mãe islâmica. Porque eles acreditavam que a mulher é que educa a família para seguir o islão de forma correcta. A terceira opção, era para aquelas que eram cristãs e que não queriam se converter, que seriam escolhidas pelos soldados para serem escravas" (entrevista 21).

A enorme quantidade de jovens mulheres raptadas e o tratamento especial conferido às mais jovens e atraentes levantaram suspeitas de tráfico de mulheres:

- *"existia um grupo de meninas que não ia para esse acampamento. Um grupo de meninas disse 'nós vamos para um lugar onde a gente vai aprender inglês' (...) uma jovem muito bonita, que devia ter uns 12, 13 anos [disse] que ela, e as amigas dela iam para a Tanzânia aprender inglês (...) Foi quando nós achámos que esse grupo de meninas fosse vítima de tráfico de mulheres. Porque era um grupo de meninas muito jovens e muito bonitas e elas não iam para o acampamento que eles chamavam de casa"* (Entrevista 21)

A realidade é que o elevado número de mulheres sequestradas, constatável a partir dos relatos das que escaparam à situação de cativo, mas também da quantidade de famílias com jovens raparigas raptadas, levantaria um grave problema logístico e militar, dando sustentação à hipótese de raptos de seres humanos, eventualmente para financiamento da luta armada.

O tráfico de mulheres e crianças para exploração sexual no continente africano, inclusivamente na África Austral e na África Oriental, tem sido um fenómeno largamente documentado nas últimas décadas. Um relatório da International Organization for Migration (Laczo and Gozdzia, 2005) revela que o tráfico no continente é bastante complexo, envolvendo diversas origens e destinos, dentro e fora da região. Existem evidências de mulheres e meninas traficadas de Moçambique com destino à África do Sul (nas províncias de Gauteng e de Kwa-Zulu Natal). A partir do Malawi, mulheres e meninas são traficadas para Norte da Europa e África do Sul. Na África Oriental, a Tanzânia e o Quênia estão também inseridas em rotas de tráfico de mulheres. No Quênia, existem referências a tráfico de meninas para a Europa organizado por sindicatos internacionais. O Quênia serve também como rota de tráfico de mulheres etíopes para a Europa e Estados do Golfo (Butegwa, 1997). Em ambos os países, algumas meninas órfãs sob os cuidados de pais adotivos são supostamente vendidas a traficantes, sob o pretexto de protecção e educação, bolsa de estudos ou casamento. No Uganda existem referências de recrutamento de jovens adolescentes para trabalho como prostitutas nos Estado do Golfo. No Norte do Uganda são relatados sequestros com vista à satisfação sexual de comandantes rebeldes ou, simplesmente, para venda como escravas a homens ricos no Sudão e Estados do Golfo. Da mesma forma, existem relatos de mulheres etíopes recrutadas para trabalhar como domésticas no Líbano e nos Estados do Golfo, acabando sexualmente abusadas. Por outro lado, o tráfico de pessoas tem sido uma prática comum em organizações terroristas islâmicas no médio oriente e Norte de África (Besenyő, 2017), possibilitando o recrutamento e retenção de mercenários estrangeiros e o financiamento de acções violentas, constituindo um mecanismo de recompensa dos combatentes mais bem-sucedidos. Existe uma grande necessidade de aprofundamento deste fenómeno, com vista a compreender o seu papel, não só, na garantia de uma nova geração de combatentes, de controlo sobre a população, reduzindo a moral e resistência do inimigo, mas, também, de financiamento do próprio grupo armado.

d). Funções realizadas e divisão sexual das tarefas

O grupo de insurgentes organizou uma série de serviços internos, assentes numa rígida separação de tarefas, seguindo uma lógica patriarcal. Aos homens cabem as funções de liderança e de combate, quer de defesa (vigilância e patrulha, captura de soldados das FADM escondidos), quer de ataque (incluindo destruição, saques, raptos e assassinatos), mas também de doutrinação político-religiosa. Os relatos revelam a existência de serviços de mecânica (reparação de motorizadas), de comunicação e de filmagem das actividades e de enfermagem, sempre realizadas por homens. Nos acampamentos da linha da frente, onde não existem mulheres, as actividades de confecção de alimentos são realizadas por homens:

- "*Sim cozinham, mas quem cozinha são os homens. Eles próprios degolam cabritos, preparam, cozinham e comem*" (entrevista 2);

- "*Tinha dois ou três rapazes que não eram outra coisa a não ser mecânicos. Eles cuidavam das motos e dos carros, que eles tinham roubado nesses ataques*" (entrevista 21);

- "*Eles têm aquelas pessoas responsáveis pela comunicação, eles gravam tudo. Eles nos gravaram. Uma dessas pessoas que é responsável pela comunicação (...) fez questão de gravar as pessoas que estavam capturadas. Mas eles não postaram em local nenhum (...) Ele disse 'Esses filmes são muito importantes, porque nós podemos usar mais tarde'. Eles têm uma rede de comunicação muito bem organizada também*" (entrevista 21);

- "Médico não tinha. Medicamento tinha o que roubaram dos hospitais. Tinha um enfermeiro. Todos os homens de lá andavam armados. Até os que estavam noutras funções. Tinham aqueles que iam para as missões e tinham aqueles que ficam ali mais no acampamento, cuidando do acampamento. Todos tinham arma" (entrevista 21).

Ainda que a maioria dos rebeldes armados seja composto por homens, foram encontrados relatos de mulheres que participam activamente nos ataques militares. Quer em Quissanga, quer em Mocimboa da Praia, foram observadas mulheres armadas, algumas cadastradas, empunhando metralhadoras, por vezes assumindo funções de liderança, com poder de decisão sobre o futuro dos prisioneiros:

- "Na aldeia tinham invadido apenas homens, mas em Quissanga Sede encontrámos uma mulher. Foi ela que me libertou; ela me disse, que pode descer para a sua casa em Quissanga Praia. Os homens não diziam nada, esta mulher é que mandava (...) foi uma mulher que ordenou e escolheu quem ficaria e quem seguiria a viagem ou os libertos" (entrevista 2);

- "No total era 16 homens e uma mulher de Quissanga. A gaja é uma ladra natural de Quissanga e está com os bandidos. Eles usavam roupa dos militares como esse aqui" (entrevista 20);

- "Um dos chefes e uma mulher ficaram ali como guardas; foram no mercado, começaram a recolher tudo que era motorizada e outros bens (...) estavam com mulheres com fardamentos" (entrevista 22).

Um outro papel militar assumido por mulheres, de forma mais passiva, mas generalizada, é o de informação:

- "Algumas, quando conversavam connosco, eles falaram para nós tomar cuidado com outras que estavam lá, para tomar cuidado com o que nós estávamos falando porque os al-shabaabs iam saber" (entrevista 21).

Não obstante a participação de mulheres em estratégias militares, comparando com o sexo masculino, o seu papel é bastante reduzido e secundarizado. Em continuidade com os valores largamente partilhados no mundo rural, no universo dos machababos da mulher espera-se submissão ao poder masculino. A mulher representa um troféu, propriedade do homem como recompensa do seu esforço de guerra, mas também um elemento importante para a criação de uma nova organização familiar, onde lhe cabe um papel de subjugação à família:

- "Todos eles tinham mulheres. Mas as mulheres não estavam lá. Estavam nesse acampamento que eles chamavam de casas, que era longe do acampamento onde nós estávamos. (...) Eles ficam um tempo no serviço em missão e depois eles voltam para casa. Aí vem outro grupo e fica em missão. Quando eles vão para casa, eles levam de volta a que foi definida para ficar com eles" (entrevista 21).

Um dado relevante é o franco desinteresse e despreocupação pela actividade agrícola, não obstante a crescente necessidade de abastecimento logístico de um crescente grupo de homens armados. Este aparente desinteresse pode ser explicado por um conjunto de quatro aspectos. Em primeiro lugar, pelo roubo de alimentos à população, a comerciantes locais, sobretudo aquando dos assaltos às principais vilas sedes distritais, inclusive a embarcações com alimentos. Em segundo lugar, como estratégia militar, num cenário de guerrilha, em que o sucesso depende da possibilidade de realização de rápidos movimentos. A abertura de grandes áreas de cultivo ou a criação pecuária tornaria os insurgentes mais sedentários, identificáveis e vulneráveis a ataques

das FDS. Em terceiro lugar, há suspeitas acerca de abastecimento internacional de bens alimentares, em virtude das ligações internacionais deste grupo. Finalmente, importa referir que, uma parte importante dos recrutados é oriunda das zonas suburbanas, sendo comerciantes, trabalhadores em pequenas oficinas ou pequenos prestadores de serviços (Habibe et al, 2019). Para estes grupos, a agricultura é representada como uma actividade secundária e pouco geradora de rendimento:

- *“eles disseram que não iam fazer machamba, que não iam plantar nada (...) porque de Alá provinha todo o alimento. Talvez naqueles acampamentos de casas eles plantem. (...) para eles o alimento vinha muito fácil. Porque, ou eles tiravam do roubo, ou aquele grupo mandava para eles; o grupo, que eles chamavam dos brancos, trazia para eles esse alimento. (...) Ou, então, porque eles se considerem soldados e soldado não planta”* (entrevista 21).

1.3. Estratégias, poder bélico e efectivo militar

As estratégias militares dos insurgentes assentam em ataques rápidos, frequentemente nocturnos, e na constante camuflagem. De acordo com os relatos, os os grupos dispõem de três importantes vantagens, nomeadamente: 1) crescente efectivo humano; 2) crescente poder bélico e capacidade logística; 3) capacidade de camuflagem, usando uniformes das forças armadas, confundindo a população e o inimigo; ou mesmo fusão com a população, utilizada como escudo humano; 4) vasta rede de observadores e acesso a informação.

a). Efectivo humano

Os relatos acerca do número de rebeldes são variáveis, geralmente vagos e imprecisos. Existem relatos de ataques operados por grupos compostos por poucas dezenas de insurgentes, e outros relatos onde são mencionadas largas centenas de atacantes. De facto, mulheres que estiveram reféns após um ataque a Quissanga-Sede estimam que a operação foi realizada por *“cerca de 360 insurgentes”* (entrevista 2). O testemunho de uma mulher que esteve como refém em Mocimboa da Praia, durante o mês de Agosto de 2020, refere que o município foi atacado por *“mais de 500 soldados”*⁶ e a posterior constituição de três bases para defesa do município, cada uma das quais com cerca de uma centena de militares (entrevista 21). De acordo com o mesmo testemunho, o grupo tem a capacidade de render, num só dia cerca de 100 indivíduos armados. A este contingente somam-se centenas de mulheres raptadas, assim como adolescentes e crianças. A partir destas observações torna-se plausível estimar que o grupo possa já ter tido um efectivo militar bem superior a mil indivíduos. O número terá certamente oscilado, em função da capacidade de recrutamento, da oferta de contrapartidas, do número de baixas feito pelas FDS ou de deserções.

b). Crescente poder bélico

As testemunhas oculares dão conta de um grande poder bélico dos machababos, por vezes bem superior ao do exército moçambicano, em grande parte capturado às forças de defesa e segurança (nomeadamente veículos blindados, jipes Mahindra, armas e munições), mas também de inúmeras motorizadas capturadas a civis. A quantidade e qualidade de armamento disponível não deixa de intrigar as populações acerca da origem dos equipamentos militares:

⁶ Outras testemunhas oculares confirmam a participação de centenas de guerrilheiros nos ataques a Mocimboa da Praia (nomeadamente 400 no ataque de Março e 800 no de Junho). Importa, contudo, admitir uma tendência para o exagero das estimativas.

- "Os bandos, ao virem, não sei se usam carros, mas ouvimos motorizadas roncando. Mesmo com o silêncio da madrugada, ao ouvir o som de moto, tens que fugir, são eles" (entrevista 13);

- "Desta ultima vez as FDS estavam muito fortes, aguentaram a luta, mas, o que veio a derrotar lhe, foi o blindado dos bandidos, porque supunham que este vinha em socorro das FDS, enquanto era o inimigo que vinha atacar, tendo ferido muitas FDS; até pela manha é que se socorreram entre eles e, pela manha, nos contaram que foram lesionados por causa de blindado porque imaginavam era o seu socorro" (entrevista 14);

- "Os soldados tinham muitas armas. E eles tinham muitas munições. Mexiam nas armas e mostravam as caixas de munições na nossa frente. De onde vem tudo isso? O exército, no ataque de Março, fugiu quando acabou a munição. Não é do governo porque o governo não tem suficiente. Eles podem ter roubado do governo um pouco. Mas o que eles tinham era muita coisa. Era muita arma. Muita munição." (entrevista 21);

- "Chegámos a ver 5 ou 6 carros. Mas o que haviam mais eram motos. Os carros que tinham lá eram carros roubados. Tinham carro de polícia. Dois ou três carros que eram da polícia e do exército. Tinham aquele carro blindado que eles usavam. (...) Tinha uma moto de 4 rodas. E motos novos. (...) Tem um dia que eles chegaram com um camião com muitas motos. Acho que tinha umas 20 motos nesse camião. É tudo roubo, não é? (...) Gasolina, eles roubaram toda a gasolina em postos de gasolina em Mocímboa da Praia. Então eles tinham muita gasolina. (...) Eles tinham camiões grandes. (...) Eles circulavam. Os carros circulavam também para um e outro lugar o tempo inteiro" (entrevista 21);

- "Os al-shabaabs têm muitas armas, cada um anda com duas armas. Não são essas armas que dão os polícias. Essas não são armas. São grandes" (entrevista 23).

Estes relatos são corroborados por vídeos e fotografias circulando nas redes sociais, onde jovens rebeldes aparecem em veículos automóveis roubados, incluindo carros blindados. Os relatos são consistentes com os testemunhos de milícias nos distritos de Muidumbe e de Nangade que, em virtude da inferioridade em termos de equipamento militar, se vêem obrigados a retirar após escutarem os primeiros disparos.

O machababos acedem a tecnologia de telecomunicações facilitando a troca de informações e organização militar, assim como capacidade de abastecimento alimentar:

- "Eu tive a impressão que eles tinham também telefones via satélite para falar com os chefes dele em Mbau. Nós não tínhamos sinal nenhum de telefone em Naquitengue e eles tinham informações. Então, de alguma forma eles tinham algum contacto" (Entrevista 21);

- "Eles tinham alimentação. Quando começou a faltar alimentação, depois de terem pilhado tudo em Mocímboa da Praia, um dos chefes que estava lá connosco ele falava: 'É preciso avisar que o chefe maior que estava em Mbau, que tinha que enviar alimentos'. Lá tinha dois acampamentos" (Entrevista 21).

c). Capacidade de camuflagem e de fusão com a população

Uma terceira característica do grupo respectiva é a capacidade de camuflagem. A utilização de uniformes das Forças de Defesa e Segurança gera uma enorme confusão entre todos os actores no terreno, nomeadamente civis e as próprias FDS, fornecendo-lhes uma vantagem decisiva ao nível da penetração no terreno, contornando inclusive as linhas de defesa. De qualquer das formas, a utilização de um lenço na cabeça, frequentemente com o propósito de esconder a face, é uma marca distintiva do grupo armado:

- *"O fardamento que usam é o mesmo das FDS, por isso nos faz enganar. Até os próprios donos se enganam, uma vez acham ser colegas enquanto são inimigos. Aqui na nossa zona (...) [os machababos fardados com uniforme das FDS] foram bem recebidos. Disseram 'estamos com fome'. Assim a comunidade cozinhou e atendeu-lhes bem pensando que eram militares, mas, pela noite dentro, surpreenderam a comunidade. Desta maneira nunca vai-se distinguir o amigo do inimigo. O problema grave é que a farda é a mesma, os carros e as armas são os mesmos (entrevista 14);*

- *"Não sabemos porque o fardamento é [o] mesmo tanto de al-shabaab como das FDS. Isto está nos confundir". (entrevista 18);*

- *"Usavam a roupa normal, uns estavam mascarados, outros de forma normal, uns estavam mascarados atrás e na face, e outros mascarados apenas um lado ficando com lenços," (entrevista 7).*

Além disso, retirando partido das densas matas de Cabo Delgado, escondendo-se no município de Mocímboa da Praia ou misturando-se com a população civil, o grupo demonstra capacidade de se proteger dos ataques dos helicópteros ou de rusgas militares. Os relatos dão conta de uma grande capacidade de escuta do aproximar da força aérea, de prévio conhecimento dos horários de ataque e de camuflagem, escondendo-se entre a vegetação ou tapando os vestígios de presença humana com folhas secas e capim:

- *"Tinham vindo de helicóptero, mas os bandidos se esconderam nos lugares da população para não serem mortos ou morrem com o povo, em forma de escudo humano ao ver que as FDS estavam os atacando" (entrevista 17);*

- *"E eles sabiam os horários que os militares iam atacar com os aviões, porque eles saíam para fazer os trabalhos que eles tinham que fazer fora do horário de ataque dos militares. Então, os militares andavam com os helicópteros das 9h às 15h. Então, eles faziam todo o trabalho que eles tinham até às 9h. E depois das 15h (...) E eles sabiam se esconder muito bem. E eles saíam de mota, mas, se chegasse algum avião, eles sabiam muito bem se esconder. Não havia nem perigo de eles acertarem um insurgente. Era mais fácil eles matarem os idosos que estavam capturados nas casas do que um insurgente" (entrevista 21);*

- *"A hora que o helicóptero governamental chega eles sabem. E quando o helicóptero chega, todos os al-shabaabs ficam no silêncio e ninguém dispara. Depois de o helicóptero sair às 15h. Comíamos as 9 horas da manhã. Das 10 às 15h o helicóptero chegava" (entrevista 23).*

O grupo criou os seus próprios sinais, para comunicação interna e identificação da sua presença: - *"eu percebi que nós, quando estávamos indo, eles tinham um sinal mais nas árvores. Sinais escritos em árabe. A maioria não sabia árabe. Acho que seria um sinal fácil para definir o acampamento. Para saber que eles estão lá. E eles também entre eles, a maioria deles estava vestida com roupa militar, eles se reconheciam também. Eles deviam ter os seus sinais próprios"* (entrevista 21).

Por fim, o grupo revela ter uma importante capacidade de acesso à informação, em virtude da detenção de uma alargada rede de observadores. Relatos de moradores de Mocímboa da Praia referem jovens mulheres (mais "atiradiças") que se envolvem com militares⁷ e jovens adultos que bebem nas barracas com militares, com vista a obter informações⁸, mas também familiares e vizinhos que dão conta dos movimentos e horários das forças de defesa e segurança e respectivo efectivo militar.

- *"A primeira etapa do ataque era sempre observação. Eles ficavam alguns dias naquela região, vendo como estava a região, o que as pessoas faziam. O grupo que ia fazer a observação, nem sempre era o grupo que ia atacar"* (entrevista 21);

- *"Me disseram que tinham pessoas infiltradas na polícia, no exército, até no Governo. Eles estão muito bem organizados. Eles têm muito dinheiro"* (entrevista 21).

1.4. Coesão e conflitualidade

Diversas análises salientam o carácter fundamentalista dos membros do grupo e atitude anti-Estado (Morier-Genoud, 2020), a exclusão social como importante factor de recrutamento (Habibe et al; Feijó e Maquenzi, 2019) e a extrema violência do grupo durante os ataques. Ainda que as informações sejam bastante vagas, a partir dos relatos das mulheres entrevistadas, constata-se que a situação é mais complexa.

Em primeiro lugar, o grupo não é propriamente homogéneo em termos de motivação. Por um lado, foram observados indivíduos menos jovens (com mais de 30 anos de idade), mais internacionalizados (frequentemente estrangeiros), doutrinados (seguindo com rigor interpretações ortodoxas do Islão) e emocionalmente mais controlados, desempenhando funções de liderança e chefia. Por outro lado, os relatos dão conta de indivíduos mais jovens e materialistas, particularmente ressentidos com os excessos das forças de defesa e segurança, que estão revoltados com a pobreza socioeconómica, e que encontram no grupo dos machababos um escape para expressão da sua revolta. Estes jovens tendem a ser bem mais descontrolados e violentos, inclusive com as mulheres. Enquanto os primeiros tendem a seguir à risca preceitos do que consideram de islamismo, entre os segundos constata-se uma atitude mais displicente em relação à religião, podendo inclusivamente escapar às orações:

⁷ À medida que os ataques se intensificam no distrito de Mocímboa da Praia e à medida que aumentava a ameaça de uma ofensiva ao município, mulheres eram incentivadas a aderir ao grupo de machababos em troca de protecção, envolvendo-se como esposas (vulgo entregando o *arruxi*, ou seja a sua virgindade), participando no recrutamento de outras mulheres ou apoiando no esconderijo de rebeldes e de armas. Particularmente após o ataque de 23 de Março a Mocímboa da Praia, vários relatos dão conta da visita a familiares nas bases de insurgentes, de forma a verificar as respectivas condições de vida.

⁸ Moradores de Mocímboa da Praia referiram ser frequente jovens oriundos dos bairros do litoral se sentarem a beber com militares em barracas localizadas no bairro de Nanduadua ou na zona de expansão. Os interlocutores relatam, inclusivamente, que na véspera do ataque de 23 de Março ao Município de Mocímboa da Praia, que conduziu à respectiva ocupação, dezenas de militares se embriagaram ao longo da noite, na companhia de indivíduos locais, alegadamente como estratégia de enfraquecimento das forças armadas.

- "Os tanzanianos acreditavam que estavam fazendo um benefício para o Mundo, purificando a terra. Eles tinham um determinado tipo de comportamento. Mas tinham alguns jovens que tinham mudado para o grupo depois do conflito. E esses tinham uma atitude ainda mais violenta do que esses. Eles tinham uma atitude de ódio em relação ao que tinham vivido. Um deles disse assim. 'Eu não era al-shabaab, eles me prenderam por dizerem que eu era al-shabaab. Eles bateram em mim'. Ele havia sido agredido, havia sido preso. Ele contou que, quando havia saído, ele se juntou ao grupo, que era a coisa certa a fazer. (...) Muitos desses homens que, não tiveram aquela preparação anterior, eles tinham uma raiva maior ao governo. (...) E eles também tinham um comportamento diferente para com as mulheres. Eram mais agressivos para com as mulheres" (entrevista 21);

- "O grupo que estava conosco é um grupo de uma trama moral diferente. É um grupo radical, que havia estudado de forma radical o islamismo. Aquele grupo que estava conosco. A maioria tinha a preocupação de fazer os momentos certos de oração. E havia um grupo que não tinha essa preocupação. Era um grupo que foi cooptado só. Mas não era um grupo que estava lá por causa de ideologia. Nós temos o grupo ideológico e o grupo que estão lá por interesse financeiro" (entrevista 21).

De acordo com o relato, a religião não representa, unicamente, o elemento aglutinador do grupo de rebeldes, mas antes a obediência ao poder militar. Como referia, a interlocutora, "[por] serem islâmicos, eles não têm uma garantia de vida. O que garante a vida das pessoas lá é acreditar no que eles querem que acreditem".

Por outro lado, o grupo é heterogêneo em termos de origens sociais, sendo possível encontrar diversos estratos de uma tímida classe média urbana e suburbana (incluindo ex-vendedores informais dos mercados, funcionários públicos e quadros qualificados), cadastrados e jovens desempregados:

- "Esse chefe que era do centro ficou dois dias lá (...) Contou que era de uma família de posses. Ele disse assim 'Nem todos os que estão aqui entraram porque são miseráveis. Muitos aqui tinham emprego'. Ele era formado em agricultura. Ele era ex-militar. E ele entrou no grupo por opção" (entrevista 21);

- "Ele disse 'eu já não tinha nada'. Você imagina um jovem já sem nada! Pessoas já sem perspectiva. Pessoas que já não tinham trabalho. O fanatismo foi misturado muito com as necessidades básicas de alguns" (entrevista 21).

Num contexto de *stress* de combate, foram relatadas diversas situações de tensão e de conflitualidade entre os próprios machababos, relacionadas com o tratamento a conferir aos prisioneiros e com a frustração de expectativas materiais:

- "E, nessa ligação, esse chefe estava dando uma bronca nele porque ele dizia, em suaíli, para esse chefe menor, que o que é que nós estávamos fazendo ali, nós deveríamos ter saído dali" (entrevista 21);

- "Estavam a discutir, porque um dizia que já não esta a ter vantagens, já não recebem dinheiro há muito tempo; nestes dias só sobrevivem de roubos nas casas onde eles atacam. O outro insurgente tinha ideia de fugir. Já não tinha vantagem. Não estão a ter dinheiro. Antigamente recebia muito dinheiro. Quem diz são os próprios al-shabaabs. Eles estavam a contar para a população, que tinham-nos capturado" (entrevista 20).

Estes testemunhos são consentâneos com outros relatos jornalísticos (Pinnacle News, 18.02.2021), em que sobreviventes a situações de cativeiro dão conta de situações de exiguidade de logística, em resultado do abandono das populações dos seus locais de residência e da diminuição das oportunidades de roubo de produtos alimentares. Relatos dão conta da realização de reuniões entre os grupos de insurgentes, durante as quais um cidadão tanzaniano, "*líder do grupo*" aconselhava "*os integrantes de nacionalidade moçambicana a regressarem para as suas terras de origem*" (O.O. & Carta, 28.01.2021). A realidade é que, as alegadas práticas de pagamento de valores monetários aos jovens rebeldes⁹, largamente referidas nos discursos locais ao longo dos anos anteriores, deixaram de ser frequentes nos últimos meses, revelando a interrupção de circuitos de financiamento da guerrilha e reduzindo a moral do grupo de rebeldes.

Os conflitos mais graves são resolvidos com a aplicação da pena capital:

- "*Ali, quando um al-shabaab conquistasse uma mulher e ela não aceitar, ele informava ao colega que aquela menina não me quer. Então, pegavam nele e iam decapitá-lo.*" (entrevista 23);
- "*Eles tinham um comandante anterior ao que nos capturou. Ele havia feito um ataque anterior ao do dia 12 de Agosto (...) E, no ataque anterior, ele fez alguma coisa errada. Eu ouvi os al-shabaabs contando. E ele foi assassinado na frente de todos eles, porque ele não agiu conforme. Ele foi assassinado pelos chefes deles lá porque ele não havia feito da forma correcta.*" (entrevista 21).

O comandante assassinado¹⁰ havia (co-)liderado o ataque de 23 de Março de 2021 a Mocímboa da Praia, sendo a primeira vez que a cidade e toda a região foi efectivamente tomada. O ataque decorreu num período de concentração de muitos deslocados e de dificuldades de abastecimento à cidade, que se traduziram na escassez e aumento do preço dos bens alimentares. A ofensiva ficou conhecida pela ampla destruição causada, mas também pelo reduzido número de vítimas entre civis e, sobretudo, pelo saque e distribuição dos produtos alimentares pela população, seguida de um pequeno comício. Num período de grande escassez alimentar, essa atitude teve um impacto sobre a popularidade do grupo na região, como foi inclusivamente visível em diversos vídeos que circularam nas redes sociais. Durante a primeira quinzena de Abril, circularam rumores¹¹ na vila de Mocímboa da Praia acerca de grandes conflitos entre jovens rebeldes no mato, alegadamente em torno da atitude adoptada para com os civis durante o ataque. O grupo que participou na ocupação de Mocímboa da Praia era acusado de complacência para com a população, em contraste com a atitude que adoptada noutras aldeias do distrito e violando as ordens recebidas. O julgamento interno e assassinato do comandante, que ocupou com sucesso um ponto nevrálgico, levanta dúvidas acerca da coesão do grupo, levantando-se hipóteses de dissidências em torno de estratégias militares, ou mesmo conflitos de poder no seio do grupo insurgente. A realidade é que, no ataque seguinte (a 27 de Junho de 2020), em grande parte realizado pelos mesmos indivíduos, mas já liderados por um novo comandante (entrevista 21), assistiu-se a uma muito maior brutalidade sobre as populações civis, contando-se dezenas de

⁹ Análises do Islamic State of Iraque and Syria realizadas pela organização israelita Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, fazem uma análise detalhada das práticas de remuneração do grupo terrorista, constatando o pagamento mensal de valores compreendidos entre 200 e 600 dólares por cada operacional, em função da respectiva nacionalidade e tamanho do agregado familiar (ITIC, 2014: 155).

¹⁰ Fontes locais referem ter reconhecido um dos comandantes que liderou o ataque. Alegadamente trata-se de um jovem de nome Jamal, nascido em Mocímboa da Praia que residiu vários anos na Tanzânia.

¹¹ De acordo com moradores da vila de Mocímboa da Praia, após o ataque, o município permaneceu sem membros do Governo (inclusive polícia e militares) durante a semana seguinte, tendo os machababos permanecido durante esse período perto da vila (inclusivamente junto à praia, nos bairros de Milamba e de Nandadua), regressando com frequência durante a noite e circulando de motorizada. Durante esse período, circularam informações na vila, trazidas por estes indivíduos, sobre um aceso conflito no seio do grupo de insurgentes, em torno da postura dos atacantes durante a ocupação da vila de Mocímboa.

corpos espalhados pelas ruas, muitos dos quais desmembrados. Da mesma forma, o semanário *Savana* fez referência a “fontes que seguem com atenção a guerra de Cabo Delgado”, segundo as quais uma das explicações, que terá conduzido à diminuição dos ataques dos insurgentes ao longo do mês de Janeiro de 2021, terá estado relacionada com “*uma suposta crise interna na liderança do grupo*” (Nhantumbo, 19.03.2021: 4).

Vários relatos permitem reforçar a hipótese de uma diversidade interna em termos de uso da violência. Nas suas idas aos campos de produção agrícola ou na circulação pelas praias (em Mocimboa da Praia e Macomia), vários indivíduos locais referiram ter-se cruzado com grupos de machababos, que lhes pediram comida ou informações e que, no final, os aconselhavam a mudar de trajecto, de forma a evitar um outro grupo de machababos, comandado por “estrangeiros” (por vezes, também referido por “tanzanianos” ou “brancos”), que seria bem mais agressivo.

CONCLUSÃO

Os relatos permitem constatar o envolvimento de mulheres com os grupos rebeldes, não só ao nível da reconstituição de núcleos familiares e educação de crianças segundo os fundamentos considerados correctos, na confecção de alimentos e apoio de transporte, mas também como observadoras e espiãs, prestando informações sobre posicionamentos e movimentações de militares e civis.

Permanecendo, por vezes, durante vários dias em cativeiro, os relatos das entrevistadas forneceram informações sobre o a organização interna do grupo de machababos, nomeadamente sobre origens geográficas, estratégias de recrutamento e integração no grupo, diferenciação e conflitos internos.

Embora grande parte dos rebeldes seja oriunda do Nordeste de Cabo Delgado (principalmente dos distritos de Mocímboa da Praia, Macomia e Quissanga), também é verdade que a base geográfica de recrutamento é bastante mais alargada, tendo sido identificados jovens oriundos do planalto de Mueda, do litoral de Nampula e do centro do país, assim como um numeroso grupo de estrangeiros, oriundos da costa oriental africana (maioritariamente tanzanianos, com relatos de somalianos) e de países árabes.

O grupo armado mostrou-se hábil a capitalizar históricos sentimentos de exclusão por parte da população local, agravados por ressentimentos em relação à violência Estatal, levando-os a rebelarem-se contra este¹², mas também contra as suas comunidades de origem. O recrutamento foi efectuado através da persuasão (explorando redes familiares e informais), mas também de coacção e do rapto, fomentando o terror em quem não coopera. Explorando sentimentos de exclusão e de injustiça social (denunciando a corrupção e o engrandecimento oportunista dos governantes), o grupo salienta a justiça da sua causa e apresenta-se como alternativa política, através da veiculação de sedutores ideais de igualdade e de justiça. Durante a recolha de dados foi constatada uma elevada moral do grupo (assente na convicção das suas ideias e reforçada com a partilha do espólio após os assaltos), que contrastava com a desmotivação e despreparação de muitos jovens soldados das forças armadas, expressa em vídeos colocados a circular nas redes sociais ou nos relatos de fuga generalizada perante o ataque do inimigo¹³. Como referia uma interlocutora "(...) *Eles sabem exactamente o que vão fazer. Eles vão lá. Eles vão matar. Eles vão morrer, mas, se morrerem, eles vão morrer em nome de uma causa. Ao contrário dos soldados, que eles nem sabem porque eles estão lutando*" (entrevista 21).

A detenção de estreitas relações com as populações locais, a inserção e conhecimento do terreno e capacidade de camuflagem (recorrendo a armamento leve e de fácil deslocação e esconderijo), conferem aos grupos rebeldes uma vantagem estratégica em relação às forças de defesa e segurança. Os rebeldes conseguiram implementar um modelo de luta prolongada, por vezes de

¹² De acordo com uma entrevistada, o próprio chefe do acampamento "respondeu que Mocímboa da Praia foi o lugar onde eles conseguiram criar um grupo mais forte de pessoas locais, soldados locais. Conseguiram pegar Mocímboa da Praia pela fragilidade social e política que eles tinham. A pobreza extrema de Mocímboa da Praia, a falta de perspectiva daqueles jovens foi o ambiente que eles precisavam para começar por lá. (...) Mocímboa da Praia foi escolhida por ter muitos muçulmanos. 80% era muçulmana. E os muçulmanos viviam numa situação de extrema pobreza. Os cristãos também. Mas era mais fácil manipular quem já conhecia o islão (...) Alguns deles [machababos] eram ex-cristãos. Teve um que veio falar comigo. (...) Ele pertencia aos grupos da igreja. E se converteu ao grupo. Alguns entraram no grupo porque simplesmente que não havia outra perspectiva e o grupo ofereceu uma possibilidade, uma ideologia, uma possibilidade de crescimento. Alguns haviam entrado recentemente porque haviam sido acusados de serem insurgentes. Eles não eram. Foram torturados. E quando foram soltos eles entraram no grupo".

¹³ A diminuição destes incidentes permite admitir a hipótese que se verificou uma melhoria em termos de logística e de disciplina no seio das forças de defesa e segurança ou, pelo menos, um maior controlo da informação.

baixa intensidade¹⁴, promovendo o desgaste das forças governamentais, difícil de suportar indefinidamente. A situação agravou-se com o crescimento da desconfiança das FDS em relação à população local e consequente violência, diminuindo a colaboração com as forças armadas.

Os relatos permitem constatar uma elevada diversidade no seio dos machababos, nomeadamente em termos de convicção religiosa e de nível de violência. Comparando os relatos de Mocímboa da Praia com os de Quissanga, constataram-se diferentes formas de tratamento das mulheres, bastante mais violentas no segundo caso, com relatos macabros de violações sexuais. A diferença comportamental foi explicada a partir da personalidade dos respectivos comandantes, mas também dos próprios operacionais, incluindo a presença de jovens violentos e cadastrados. A realidade é que as diferentes formas de actuação e crescente presença de estrangeiros entre a liderança dos grupos permite levantar a hipótese de alguma autonomia e independência na forma de actuação. Por outro lado, se alguns membros do grupo foram particularmente doutrinados, com maior disciplina interior e inteligência emocional, a realidade é que, entre os mais jovens, o comportamento observado é particularmente distinto. O défice de doutrinação é compensado com um grande rancor em relação ao Governo, sendo possível constatar que a motivação é predominantemente material. Como referia uma mulher que permaneceu várias semanas em cativeiro, *"lá, no nosso grupo, não tinham que entregar. Mas a questão da entrega do dinheiro vai pegar. Aquele grupo que foi treinado de forma diferente está lá por ideologia. Mas o outro, não. Vai chegar uma hora que aqueles que foram cooptados por causa de dinheiro..."* (entrevista 21). Relatos recentes de grande mal-estar no seio dos jovens rebeldes ou de intensões de deserção, em virtude da interrupção de pagamentos e de abastecimento de logística, permite aferir que a motivação de adesão é sobretudo material e não tanto religiosa. Se o recrutamento massivo de jovens violentos e revoltados pode conferir uma maior violência combativa durante os ataques, a realidade é que aumenta o potencial de indisciplina, de oportunismo e de traição, gerando conflitos de poder internos, com risco de criação de facções e enfraquecimento do grupo.

Ao longo das entrevistas foi perceptível uma crescente internacionalização do movimento, não só, pela presença assinalada de cidadãos estrangeiros oriundos de várias zonas da África Oriental, mas também de países do golfo, vulgo *"árabes"* ou *"brancos"*. A imensa quantidade de armamento utilizado (em contraste com as queixas de escassez bélica por parte de membros das Forças de Defesa e Segurança), assim como a constante preocupação pela realização de filmagens (documentando todas as acções do grupo) reforçam suspeitas de apoio externo, pelo menos, ao longo do período em análise.

As deslocações populacionais geradas pelos ataques militares tiveram um profundo impacto na província de Cabo Delgado, a vários níveis. O êxodo da população traduziu-se numa diminuição da produção agro-pecuária, com profundos impactos na quantidade de alimentos disponíveis para os grupos militares. As evidências apontam para um grande desinteresse dos machababos ao nível da produção alimentar, constituindo o roubo e o saque de lojas e armazéns alimentares a principal fonte de abastecimento do grupo. A redução de reservas alimentares tornará os futuros alvos de ataque mais previsíveis, antevendo-se uma maior incidência sobre zonas de produção agrícola, de armazenagem de alimentos, rotas de transporte alimentar ou zonas transfronteiriças. Simultaneamente, o êxodo da população retirou uma vantagem em termos de camuflagem, acesso a informações, logística e recrutamento.

¹⁴ Os registos de incidentes armados divulgados pelo ACLED constataam que, durante o período chuvoso (nomeadamente entre Janeiro e Fevereiro), em virtude de cheias e de dificuldades de deslocação, o número de ataques tende a diminuir consideravelmente.

Em virtude da realidade diagnosticada, apresentam-se as seguintes sugestões:

Constituição de alianças fortes e obtenção de apoio internacional, particularmente com os países afectados por ataques terroristas, implicando a cooperação no patrulhamento de fronteiras, partilha de inteligência e de serviços de investigação criminal. O controlo de fronteiras será fundamental para prevenir o tráfico internacional de mulheres, o abastecimento logístico, a fuga de militares ou o financiamento de organizações violentas. Urge avaliar a extensão da dimensão do tráfico de mulheres, mas também avaliar como é que o crime apoia os actos terroristas em termos de financiamento de operações ou garantia de uma nova geração de combatentes, assumindo controlo sobre a região;

Reforço do sistema de informação para conhecer as manobras do inimigo, explorando dissidências e facções no seio dos grupos dos insurgentes, com vista a enfraquecer a respectiva unidade e coesão;

Promoção de amnistias, acompanhadas pela criação de centros de acolhimento de desertores, garantindo a respectiva segurança e integração socioprofissional, mas também a desradicalização. A violência praticada e o sofrimento gerado dificultarão a aceitação dos rebeldes pelas comunidades de origem, pelo que será necessária a criação de espaços transitórios, de formação técnico-profissional, mas também de realização de actividades juvenis (incluindo desporto, acesso a internet) que impliquem o desenvolvimento de competências de cidadania. O processo de reintegração deverá envolver líderes locais e organizações religiosas.

Reforço e alargamento do acesso à justiça, investindo na investigação criminal, particularmente de desmandos provocados contra as populações (incluindo dos próprios agentes das FDS), sendo fundamental a apresentação de mensagens políticas assertivas nesse sentido. A afirmação e demonstração da superioridade moral dos agentes do Estado, na defesa de direitos humanos, constituirá uma vantagem decisiva na conquista da confiança das populações;

Envolvimento dos militares em acções psicossociais junto das populações, mobilizando a medicina militar para campanhas de vacinação e de cuidados materno-infantis, envolvendo a engenharia militar na construção de reassentamentos populacionais, ou destacando contingentes militares para a distribuição alimentar, conquistando a confiança das populações e reduzindo a respectiva aderência aos grupos violentos;

Desenvolvimento socioeconómico da região: A adopção de modelos de desenvolvimento assentes em trabalho intensivo, gerando oportunidades de emprego e de rendimentos (apostando na agro-pecuária, fruticultura, pesca e transformação alimentar, bem como serviços diversos), assim como o alargamento de serviços públicos de qualidade (saúde e educação, mas também extensão agrária), constituirão a melhor estratégia de contra-insurgência, reduzindo a aderência dos jovens a grupos violentos;

Alargamento das possibilidades de participação dos cidadãos, incluindo o reforço e capacitação de organizações da sociedade civil, criando canais de negociação e de reivindicação, por via pacífica, de interesses de grupo;

BIBLIOGRAFIA

ACLED (09.02.2021) *Cabo Ligado Weekly: 1-7 February*, disponível em https://acleddata.com/acleddatanew/wp-content/uploads/2021/02/Cabo-Ligado-Weekly_1-7-February.pdf, acesso a 15.02.2021.

ACLED (09.02.2021) *Cabo Ligado Weekly: 1-7 February*, disponível em https://acleddata.com/acleddatanew/wp-content/uploads/2021/02/Cabo-Ligado-Weekly_1-7-February.pdf, consultado a 16.02.2021.

AMNISTIA INTERNACIONAL (15.09.2020) "Moçambique: vídeo com execução de mulher prova mais uma vez violações de direitos humanos pelas forças armadas", disponível em <https://www.amnistia.pt/mocambique-video-com-execucao-de-mulher-prova-mais-uma-vez-violacoes-de-direitos-humanos-pelas-forcas-armadas/>, acesso a 24.02.2020.

AMNISTIA INTERNACIONAL (07.10.2020) "Amnistia Internacional: comunicado de imprensa", disponível em <https://www.amnesty.org/download/Documents/AFR4131872020PORTUGUESE.pdf>, acesso a 22.02.2021.

BAPTISTA, André (31.03.2020) "População vive misto de espanto e insegurança após assalto de duas vilas de Cabo Delgado", disponível em <https://www.voaportugues.com/a/popula%C3%A7%C3%A3o-vive-misto-de-espanto-e-inseguran%C3%A7a-ap%C3%B3s-assalto-de-duas-vilas-de-cabo-delegado/5353557.html>, acesso a 16.02.2021.

BESENYŐ, János (2017) "The Islamic State and its Human Trafficking Practice" in *Strategic Impact*, 3/2016, pp. 15-21, disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/163098139.pdf>, acesso a 25.02.2021.

FEIJÓ, João e MAQUENZI, Jerry (2019) "Pobreza, desigualdades e conflitos em Cabo Delgado", in *Observador Rural*, 76, pp. 1-30, disponível em <https://omrmz.org/omrweb/publicacoes/or-76/>, acesso a 26.02.2021.

HABIBE, Saide; FORQUILHA, Salvador; e PEREIRA, João (2019) "Radicalização Islâmica no Norte de Cabo Delgado – o caso de Mocimboa da Praia" in *Cadernos IESE*, 17, pp. 1-60

ITIC (2014) *ISIS: Portrait of a Jihadi Terrorist Organization*, Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, disponível em https://www.terrorism-info.org.il/Data/articles/Art_20733/101_14_Ef_1329270214.pdf, acesso a 25.02.2021.

LACZKO, Frank and GOZDZIAK, Elzbieta (2005) *Data and Research on Human Trafficking: a Global Survey*. Geneva: International Organization for Migration, disponível em https://publications.iom.int/system/files/pdf/global_survey.pdf, acesso a 25.02.2021.

LUSA (16.02.2021) "Ataques em Cabo Delgado: Vice-Chefe das Forças Armadas diz que não se ganha o conflito com população hostil" in Carta de de Moçambique, disponível em <https://cartamz.com/index.php/politica/item/7264-ataques-em-cabo-delgado-vice-chefe-das-forcas-armadas-diz-que-nao-se-ganha-o-conflito-com-populacao-hostil>, acesso a 24.02.2021.

MIGUEL, Ramos (10.09.2021) "Autoridades negam acusações de violação de direitos humanos em Cabo Delgado", disponível em <https://www.voaportugues.com/a/autoridades-negam-acusa%C3%A7%C3%B5es-de-viola%C3%A7%C3%A3o-de-direitos-humanos-em-cabo-delgado/5578341.html>, acesso a 25.02.2021.

MOURA, Tatiana; ROQUE, Sílvia Roque; ARAÚJO, Sara Araújo; RAFAEL, Mónica e SANTOS, Rita Santos (2009) "Invisibilidades da guerra e da paz: Violências contra as mulheres na Guiné-Bissau, em Moçambique e em Angola" in *Cadernos de Estudos Africanos*, 86, pp.95-112.

NHANTUMBO, Armando (19.03.2021) "Os insurgentes e a frente Nangade-Palma" in *Savana*, nº 1409, pg.4
O.O. & Carta (28.01.2021) "Terroristas sem logística e em debandada – conta sobrevivente" in *Carta de Moçambique*, disponível em <https://cartamz.com/index.php/sociedade/item/7126-terroristas-sem-logistica-e-em-debandada-ontasobrevivente?fbclid=IwAR0hA6FrT0j46MrzIqNY1Y6b55QpRL6XAz5VHiS1MoPKJZYGrdrctnPTIY>, acesso a 04.02.2021.

PINNACLE NEWS (07.09.2020) "Ilha de Vamisse em chamas", in *Moçambique para Todos*, disponível em https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2020/09/ilha-de-vamisse-em-chamas.html, consultado a 22.01.2021.

PINNACLE NEWS (18.02.2021) "Macomia: raparigas capturadas por insurgentes retomam ao convívio familiar" in Pinnacle News, disponível em <https://pinnacленews.net/macomia-raparigas-capturaras-por-insurgentes-retomam-ao-convivio-familiar/>, acesso a 25.02.2021.

REDACÇÃO (22.08.2019) "Moçambique: Raptada mais uma mulher em Cabo Delgado", disponível em <https://e-global.pt/noticias/lusofonia/mocambique/mocambique-raptada-mais-uma-mulher-em-cabo-delgado/>, consultado a 16.02.2021

VALOI, Estácio (04.02.2021) "Governo assobia para o lado perante fome que está a roer Palma" in Moz24horas, disponível em <https://www.moz24h.co.mz/post/governo-assobia-para-o-lado-perante-a-fome-que-roe-palma>, acesso a 04.02.2021.

LISTA DOS TÍTULOS PUBLICADOS PELO OMR DA SÉRIE OBSERVADOR RURAL

Nº	Título	Autor(es)	Ano
108	Mocambique e a Importação do Carapau: Um desafio sem Alternativas (!)	Nelson Capaina	Março de 2021
107	Por UmA política Monetária Ajustada à Economia Real em Contexto de Crise: Humanidade e Sabedoria	Fáusio Mussá, Roberto Tibana, Inocência Mussipe Coordenador: João Mosca	Março de 2021
106	Comércio Externo e crescimento económico em Moçambique	João Mosca, Yasser Arafat Dadá e Yulla Marques	Março de 2021
105	Macroeconomia das pescas em Moçambique	Nelson Capaina	Fevereiro de 2021
104	Influência de factores institucionais no desempenho do sector agrícola em Moçambique	João Carrilho e Rui Ribeiro	Fevereiro de 2021
103	Evolução de preços e bens alimentares em 2020	Yulla Marques e Jonas Mbiza	Fevereiro de 2021
102	Contributo para o planeamento e Desenvolvimento de Cabo Delgado	João Mosca e Jerry Maquenzi	Fevereiro de 2021
101	Desenvolvimento socioeconómico de Cabo Delgado num contexto de conflito	João Feijó, António Souto e Jerry Maquenzi	Fevereiro de 2021
100	Caracterização do sector das pescas em Moçambique	Nelson Capaina	Janeiro de 2021
99	Dificuldades de Realização de Pesquisa em Moçambique	João Feijó	Setembro de 2020
98	Análise de conjuntura económica 2º trimestre de 2020	João Mosca	Setembro de 2020
97	Género e desenvolvimento: Factores para o empoderamento da mulher rural	Aleia Rachide Agy	Agosto de 2020
96	Micro-simulações dos impactos da COVID-19 na pobreza e desigualdade em Moçambique	Ibraimo Hassane Mussagy e João Mosca	Julho de 2020
95	Contributo para um debate necessário da política fiscal em Moçambique	João Mosca e Rabia Aiuba	Junho de 2020
94	Economia de Moçambique: Análise de conjuntura pré COVID-19	João Mosca e Rabia Aiuba	Junho de 2020
93	Assimetrias no acesso ao Estado: Um terreno fértil de penetração do jihadismo islâmico	João Feijó	Junho de 2020
92	Implementação das medidas de prevenção do COVID-19: Uma avaliação intercalar nas cidades de Maputo, Beira e Nampula	João Feijó e Ibraimo Hassane Mussagy	Junho de 2020
91	Secundarização da agricultura e persistência da pobreza rural: Reprodução de cidadanias desiguais	João Feijó	Maio de 2020
90	Transição florestal: Estudo socioeconómico do desmatamento em Nhamatanda	Mélica Chandamela	Abril de 2020
89	Produção bovina em Moçambique: Desafios e perspectivas – O caso da província de Maputo	Nelson Capaina	Março de 2020
88	Avaliação dos impactos dos investimentos nas plantações florestais da Portucel-Moçambique na província da Zambézia	Almeida Sítio e Sá Nogueira Lisboa	Março de 2020
87	Terra e crises climáticas: percepções de populações deslocadas pelo ciclone IDAI no distrito de Nhamatanda	Uacitissa Mandamule	Fevereiro de 2020
86	“senhor, passar para onde?” Estrutura fundiária e mapeamento de conflitos de terra no distrito de Nhamatanda	Uacitissa Mandamule	Fevereiro de 2020
85	Evolução dos preços dos bens essenciais de consumo em 2019	Rabia Aiuba e Jonas Mbiza	Fevereiro de 2020
84	Repensar a segurança alimentar e nutricional: Alterações no sistema agro-alimentar e o direito à alimentação em Moçambique	Refiloe Joala, Máriam Abbas, Lázaro dos Santos, Natacha Bruna, Carlos Serra, e Natacha Ribeiro	Janeiro de 2020
83	Pobreza no meio rural: Situação de famílias monoparentais chefiadas por mulheres	Aleia Rachide Agy	Janeiro de 2020
82	Ascensão e queda do PROSAVANA: Da cooperação triangular à cooperação bilateral contra-resistência / The rise and fall of PROSAVANA: From triangular cooperation to bilateral cooperation in counter-resistance	Sayaka Funada-Classen	Dezembro de 2020
81	Investimento público na agricultura: O caso dos centros de prestação de serviços agrícolas; complexo de silos da bolsa de mercadorias de Moçambique e dos regadios	Yasser Arafat Dadá, Yara Nova e Cerina Mussá	Novembro de 2019
80	Agricultura: Assim, não é possível reduzir a pobreza em Moçambique	João Mosca e Yara Nova	Outubro de 2019
79	Corredores de desenvolvimento: Reestruturação produtiva ou continuidade histórica. O caso do corredor da Beira, Moçambique	Rabia Aiuba	Setembro de 2019
78	Condições socioeconómicas das mulheres associadas na província de Nampula: Estudos de caso nos distritos de Malema, Ribaué e Monapo	Aleia Rachide Agy	Agosto de 2019
77	Pobreza e desigualdades em zonas de penetração de grandes projectos: Estudo de caso em Namanhumbir - Cabo Delgado	Jerry Maquenzi	Agosto de 2019
76	Pobreza, desigualdades e conflitos no norte de Cabo Delgado	Jerry Maquenzi e João Feijó	Julho de 2019
75	A maldição dos recursos naturais: Mineração artesanal e conflitualidade em Namanhumbir	Jerry Maquenzi e João Feijó	Junho de 2019
74	Agricultura em números: Análise do orçamento do estado, investimento, crédito e balança comercial	Yara Nova, Yasser Arafat Dadá e Cerina Mussá	Maio de 2019

Nº	Título	Autor(es)	Ano
73	Titulação e subaproveitamento da terra em Moçambique: Algumas causas e implicações	Nelson Capaina	Abril de 2019
72	Os mercados de terras rurais no corredor da Beira: tipos, dinâmicas e conflitos.	Uacitissa Mandamule e Tomás Manhicane	Março de 2019
71	Evolução dos preços dos bens alimentares 2018	Yara Nova	Fevereiro de 2019
70	A economia política do Corredor da Beira: Consolidação de um enclave ao serviço do Hinterland	Thomas Selemane	Janeiro de 2019
69	Indicadores de Moçambique, da África subsaariana e do mundo	Rabia Aiuba e Yara Nova	Dezembro de 2018
67	Pólos de crescimento e os efeitos sobre a pequena produção: O caso de nacala-porto	Yasser Arafat Dadá e Yara Nova	Outubro de 2018
66	Os Sistemas Agro-Alimentares no Mundo e em Moçambique	Rabia Aiuba	Setembro de 2018
65	Agro-negócio e campesinato. Continuidade e descontinuidade de Longa Duração. O Caso de Moçambique.	João Mosca	Agosto de 2018
64	Determinantes da Indústria Têxtil e de vestuário em Moçambique (1960-2014)	Cerina Mussá e Yasser Dadá	Julho de 2018
63	Participação das mulheres em projectos de investimento agrário no Distrito de Monapo	Aleia Rachide Agy	Junho de 2018
62	Chokwé: efeitos locais de políticas Instáveis, erráticas e contraditórias	Máiriam Abbas	Maio de 2018
61	Pobreza, diferenciação social e (des) alianças políticas no meio rural	João Feijó	Abril de 2018
60	Evolução dos Preços de Bens alimentares e Serviços 2017	Yara Nova	Março de 2018
59	Estruturas de Mercado e sua influência na formação dos preços dos produtos agrícolas ao longo das suas cadeias de valor	Yara Pedro Nova	Fevereiro de 2018
58	Avaliação dos impactos dos investimentos das plantações florestais da Portucel-Moçambique nas tecnologias agrícolas das populações locais nos distritos de Ile e Namarrói, Província da Zambézia	Almeida Siteo e Sá Nogueira Lisboa	Novembro de 2017
57	Desenvolvimento Rural em Moçambique: Discursos e Realidades – Um estudo de caso do distrito de Pebane, Província da Zambézia	Nelson Capaina	Outubro de 2017
56	A Economia política do corredor de Nacala: Consolidação do padrão de economia extrovertida em Moçambique	Thomas Selemane	Setembro de 2017
55	Segurança Alimentar Auto-suficiência alimentar: Mito ou verdade?	Máiriam Abbas	Agosto de 2017
54	A inflação e a produção agrícola em Moçambique	Soraya Fenita e Máiriam Abbas	Julho de 2017
53	Plantações florestais e a instrumentalização do estado em Moçambique	Natacha Bruna	Junho de 2017
52	Sofala: Desenvolvimento e Desigualdades Territoriais	Yara Pedro Nova	Junho de 2017
51	Estratégia de produção camponesa em Moçambique: estudo de caso no sul do Save - Chókwe, Guijá e KaMavota	Yasser Arafat Dadá	Maio de 2017
50	Género e relações de poder na região sul de Moçambique – uma análise sobre a localidade de Mucotuene na província de Gaza	Aleia Rachide Agy	Abril de 2017
49	Criando capacidades para o desenvolvimento: o género no acesso aos recursos produtivos no meio rural em Moçambique	Nelson Capaina	Março de 2017
48	Perfil socio-económico dos pequenos agricultores do sul de Moçambique: realidades de Chókwe, Guijá e KaMavota	Momade Ibraimo	Março de 2017
47	Agricultura, diversificação e Transformação estrutural da economia	João Mosca	Fevereiro de 2017
46	Processos e debates relacionados com DUATs. Estudos de caso em Nampula e Zambézia.	Uacitissa Mandamule	Novembro de 2016
45	Tete e Cateme: entre a implosão do el dorado e a contínua degradação das condições de vida dos reassentados	Thomas Selemane	Outubro de 2016
44	Investimentos, assimetrias e movimentos de protesto na província de Tete	João Feijó	Setembro de 2016
43	Motivações migratórias rural-urbanas e perspectivas de regresso ao campo – uma análise do desenvolvimento rural em moçambique a partir de Maputo	João Feijó e Aleia Rachide Agy e Momade Ibraimo	Agosto de 2016
42	Políticas públicas e desigualdades sociais e territoriais em Moçambique	João Mosca e Máiriam Abbas	Julho de 2016
41	Metodologia de estudo dos impactos dos megaprojectos	João Mosca e Natacha Bruna	Junho de 2016
40	Cadeias de valor e ambiente de negócios na agricultura em Moçambique	Mota Lopes	Maio de 2016
39	Zambézia: Rica e Empobrecida	João Mosca e Yara Nova	Abril de 2016

Nº	Título	Autor(es)	Ano
38	Exploração artesanal de ouro em Manica	António Júnior, Momade Ibraimo e João Mosca	Março de 2016
37	Tipologia dos conflitos sobre ocupação da terra em Moçambique	Uacitissa Mandamule	Fevereiro de 2016
36	Políticas públicas e agricultura	João Mosca e Máriam Abbas	Janeiro de 2016
35	Pardais da china, jatropa e tractores de Moçambique: remédios que não prestam para o desenvolvimento rural	Luis Artur	Dezembro de 2015
34	A política monetária e a agricultura em Moçambique	Máriam Abbas	Novembro de 2015
33	A influência do estado de saúde da população na produção agrícola em Moçambique	Luis Artur e Arsénio Jorge	Outubro de 2015
32	Discursos à volta do regime de propriedade da terra em Moçambique	Uacitissa Mandamule	Setembro de 2015
31	Prosavana: discursos, práticas e realidades	João Mosca e Natacha Bruna	Agosto de 2015
30	Do modo de vida camponês à pluriactividade impacto do assalariamento urbano na economia familiar rural	João Feijó e Aleia Rachide	Julho de 2015
29	Educação e produção agrícola em Moçambique: o caso do milho	Natacha Bruna	Junho de 2015
28	Legislação sobre os recursos naturais em Moçambique: convergências e conflitos na relação com a terra	Eduardo Chiziane	Maió de 2015
27	Relações Transfronteiriças de Moçambique	António Júnior, Yasser Arafat Dadá e João Mosca	Abril de 2015
26	Macroeconomia e a produção agrícola em Moçambique	Máriam Abbas	Abril de 2015
25	Entre discurso e prática: dinâmicas locais no acesso aos fundos de desenvolvimento distrital em Memba	Nelson Capaina	Março de 2015
24	Agricultura familiar em Moçambique: Ideologias e Políticas	João Mosca	Fevereiro de 2015
23	Transportes públicos rodoviários na cidade de Maputo: entre os TPM e os My Love	Kayola da Barca Vieira Yasser Arafat Dadá e Margarida Martins	Dezembro de 2014
22	Lei de Terras: Entre a Lei e as Práticas na defesa de Direitos sobre a terra	Eduardo Chiziane	Novembro de 2014
21	Associações de pequenos produtores do sul de Moçambique: constrangimentos e desafios	António Júnior, Yasser Arafat Dadá e João Mosca	Outubro de 2014
20	Influência das taxas de câmbio na agricultura	João Mosca, Yasser Arafat Dadá e Kátia Amreén Pereira	Setembro de 2014
19	Competitividade do Algodão Em Moçambique	Natacha Bruna	Agosto de 2014
18	O Impacto da Exploração Florestal no Desenvolvimento das Comunidades Locais nas Áreas de Exploração dos Recursos Faunísticos na Província de Nampula	Carlos Manuel Serra, António Cuna, Assane Amade e Félix Goia	Julho de 2014
17	Competitividade do subsector do caju em Moçambique	Máriam Abbas	Junho de 2014
16	Mercantilização do gado bovino no distrito de Chicualacuala	António Manuel Júnior	Maió de 2014
15	Os efeitos do HIV e SIDA no sector agrário e no bem-estar nas províncias de Tete e Niassa	Luis Artur, Ussene Buleza, Mateus Marassiro, Garcia Júnior	Abril de 2015
14	Investimento no sector agrário	João Mosca e Yasser Arafat Dadá	Março de 2014
13	Subsídios à Agricultura	João Mosca, Kátia Amreén Pereira e Yasser Arafat Dadá	Fevereiro de 2014
12	Anatomia Pós-Fukushima dos Estudos sobre o ProSAVANA: Focalizando no "Os mitos por trás do ProSavana" de Natalia Fingeremann	Sayaka Funada-Classen	Dezembro de 2013
11	Crédito Agrário	João Mosca, Natacha Bruna, Katia Amreén Pereira e Yasser Arafat Dadá	Novembro de 2013
10	Shallow roots of local development or branching out for new opportunities: how local communities in Mozambique may benefit from investments in land and forestry exploitation	Emelie Blomgren e Jessica Lindkvist	Outubro de 2013

Nº	Título	Autor(es)	Ano
9	Orçamento do estado para a agricultura	Américo Izaltino Casamo, João Mosca e Yasser Arafat	Setembro de 2013
8	Agricultural Intensification in Mozambique. Opportunities and Obstacles—Lessons from Ten Villages	Peter E. Coughlin, Nícia Givá	Julho de 2013
7	Agro-Negócio em Nampula: casos e expectativas do ProSAVANA	Dipac Jaientlal	Junho de 2013
6	Estrangeirização da terra, agronegócio e campesinato no Brasil e em Moçambique	Elizabeth Alice Clements e Bernardo Mançano Fernandes	Mai de 2013
5	Contributo para o estudo dos determinantes da produção agrícola	João Mosca e Yasser Arafat Dadá	Abril de 2013
4	Algumas dinâmicas estruturais do sector agrícola.	João Mosca, Vitor Matavel e Yasser Arafat Dadá	Março de 2013
3	Preços e mercados de produtos agrícolas alimentares.	João Mosca e Máriam Abbas	Janeiro de 2013
2	Balança Comercial Agrícola: Para uma estratégia de substituição de importações?	João Mosca e Natacha Bruna	Novembro de 2012
1	Porque é que a produção alimentar não é prioritária?	João Mosca	Setembro de 2012

Como publicar:

- Os autores deverão endereçar as propostas de textos para publicação em formato digital para o *e-mail* do OMR (office@omrmz.org) que responderá com um e-mail de aviso de recepção da proposta.
- Não existe por parte do Observatório do Meio Rural qualquer responsabilidade em publicar os trabalhos recebidos.
- Após o envio, os autores proponentes receberão informação por *e-mail*, num prazo de 90 dias, sobre a aceitação do trabalho para publicação.
- O autor tem o direito a 10 exemplares do número do *OBSERVADOR RURAL* que contiver o artigo por ele escrito.

Regras de publicação:

- Apresentação da proposta de um tema que se enquadre no objecto de trabalho do OMR.
- Aprovação pelo Conselho Técnico.
- Submissão a uma revisão redactorial num prazo de sessenta dias, a partir da entrega da proposta de artigo pelo autor.
- Informação aos autores por parte do OMR acerca da decisão da publicação, por *e-mail*, com solicitação de aviso de recepção, num prazo de 90 dias após a apresentação da proposta.
- Caso exista um parecer negativo de um ou mais revisores, o autor tem a oportunidade de voltar uma vez mais a propor a edição do texto, desde que introduzidas as alterações e observações sugeridas pelo(s) revisore(s).
- Uma segunda proposta do mesmo texto para edição procede-se nos mesmos moldes e prazos.
- Um segundo parecer negativo tem carácter definitivo.
- O proponente do texto para publicação não tem acesso aos nomes dos revisores e estes receberão os textos para revisão sem indicação dos nomes dos autores.
- A responsabilidade de publicação é da Direcção do Observatório do Meio Rural sob proposta do Conselho Técnico, independentemente dos pareceres dos revisores.
- O texto não pode ter mais que 40 páginas em letra 11, espaço simples entre linhas, e 3 cm em todas as margens da página (cima, baixo lado e esquerdo e direito).
- A formatação do texto para publicação é da responsabilidade do OMR.



O OMR é uma Associação da sociedade civil que tem por objectivo geral contribuir para o desenvolvimento agrário e rural numa perspectiva integrada e interdisciplinar, através de investigação, estudos e debates acerca das políticas e outras temáticas agrárias e de desenvolvimento rural.

O OMR centra as suas acções na prossecução dos seguintes objectivos específicos:

- Promover e realizar estudos e pesquisas sobre políticas e outras temáticas relativas ao desenvolvimento rural;
- Divulgar resultados de pesquisas e reflexões;
- Dar a conhecer à sociedade os resultados dos debates, seja através de comunicados de imprensa como pela publicação de textos;
- Constituir uma base de dados bibliográfica actualizada, em forma digitalizada;
- Estabelecer relações com instituições nacionais e internacionais de pesquisa para intercâmbio de informação e parcerias em trabalhos específicos de investigação sobre temáticas agrárias e de desenvolvimento rural em Moçambique;
- Desenvolver parcerias com instituições de ensino superior para envolvimento de estudantes em pesquisas de acordo com os temas de análise e discussão agendados;
- Criar condições para a edição dos textos apresentados para análise e debate do OMR.

Patrocinadores:



Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar
Maputo – Moçambique

www.omrmz.org